



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 6, Nº 2, 2021, P. 335-342
ISSN: 2448-2390

Hannah Arendt, *Pensar sem corrimão*: Entrevista com Eduardo Jardim

Hannah Arendt, *Without a Banister*:
Interview with Eduardo Jardim

DOI: 10.20873/rpv6n2-18

Eduardo Jardim

E-mail: edjardim.br@gmail.com

Lucas Barreto

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1892-9171>

E-mail: lucas.noglibd@gmail.com

Judikael Castelo Branco

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4551-2531>

E-mail: Judikael.castelo@mail.uft.edu.br

Em 2021, veio à luz o livro *Pensar sem corrimão*, que reúne 42 textos de Hannah Arendt escritos entre 1953 e 1975, ano da morte da autora. A tradução em português para o Brasil resulta do trabalho conjunto de Beatriz Andreiuolo, Daniela Cerdeira, Pedro Duarte e Virgínia Starling, num volume com mais de 600 páginas, publicado pela Bazar do Tempo. A mesma editora já havia trazido ao público os títulos *Liberdade para ser livre* e *Ação e a busca da felicidade*, textos que agora compõem também esse novo produto.

A revisão técnica de *Pensar sem corrimão* ficou a cargo do filósofo Eduardo Jardim, um dos principais responsáveis pela introdução do pensamento arendtiano no Brasil. Com efeito, juntamente com Hugo Amaral, Raymundo Faoro e Celso Lafer, Jardim teve um papel fundamental no que concerne aos primeiros contatos do público brasileiro com a obra Arendt. Grande exemplo disso foi a exposição da teoria política de Arendt que o filósofo ministrou ainda no início da década de 1980, na PUC do Rio de Janeiro, e que trouxe, segundo as palavras de Newton Bignotto, “um vento de renovação para o pensamento político nacional” (BIGNOTTO, N. *O Brasil à procura da democracia*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 167). Entre os muitos trabalhos do Professor Jardim, gostaríamos de destacar *Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011), *A duas vozes: Hannah Arendt e Octavio Paz* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007) e a organização, juntamente com Newton Bignotto, de *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias* (Belo Horizonte: EDUFMG, 2003).

Eduardo Jardim muito gentilmente se dispôs a conversar conosco sobre o mais novo volume do *corpus* arendtiano em português. Os entrevistadores e a Revista Perspectivas ficam profundamente gratos pelo gesto.

Lucas Barreto: Professor Eduardo Jardim, nós temos agora a publicação da tradução brasileira de *Pensar sem corrimão: Compreender 1953-1975*, a mais nova coletânea de textos da pensadora Hannah Arendt. O que os leitores da pensadora judio-alemã podem encontrar nessa obra? Que novidades ela nos traz?

Eduardo Jardim: O livro contém 42 textos que eram inéditos ou estavam dispersos em revistas e jornais. O material é apresentado em ordem cronológica e cobre o período 1953-1975, de logo em seguida à publicação de *Origens do totalitarismo* até o ano da morte em 1975. São textos de diversos feitios. Alguns são ensaios muito elaborados, como os dois primeiros que tratam de Marx e da “grande tradição”. Há artigos para revistas, palestras, artigos que comentam a situação política da época, entrevistas, trocas de cartas, resenhas de livros, como *Os demônios*, de Dostoiévski, os de Nathalie Sarraute, homenagens aos amigos mortos (Heidegger e Wystan H.

Auden), um capítulo de *Origens do totalitarismo* preparado para sua segunda edição, dedicado à Revolução Húngara de 1956. *Pensar sem corrimão* apresenta os múltiplos aspectos da personalidade de Hannah Arendt e dos caminhos que ela percorreu.

Lucas Barreto: Os textos que compreendem a obra *Pensar sem corrimão* se estendem em um período que vai de 1953 a 1975, ano da morte de Arendt. É neste percurso que são publicadas algumas de suas grandes obras – como *A condição humana*, *Eichmann em Jerusalém*, *Sobre a revolução*, *A vida do espírito* – bem como outras coletâneas, como *Entre o passado e o futuro* e *Crises da República*. Como os textos de *Pensar sem corrimão* podem ser lidos no conjunto da obra de Arendt? Isto é, em que medida eles dialogam com os temas de suas obras maiores?

Eduardo Jardim: A leitura de *Pensar sem corrimão* é de muita importância para se compreender a elaboração da obra de Hannah Arendt publicada em livros, inclusive *Origens do totalitarismo*, de 1951. Vários textos de *Pensar sem corrimão* são experimentos que preparavam a redação definitiva dos livros publicados. Chamo atenção especialmente para um conjunto de textos que têm por assunto os temas da ação e da revolução, como “A revolução húngara e o imperialismo totalitário”, “Ação e a busca da felicidade”, “Liberdade e política”, “Revolução e liberdade”, “Liberdade para ser livre”. Por este motivo, acho que é a pensadora da política que mais se destaca em *Pensar sem corrimão*.

As três entrevistas incluídas no livro são importantes na composição de uma biografia de Hannah Arendt. Pelo fato de serem textos mais espontâneos eles revelam muito da personalidade da filósofa. Além disso, lançam luz sobre os acontecimentos da época. No final do prefácio a *Homens em tempos sombrios*, Hannah Arendt observa que “mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação” e que esta pode vir da luz que alguns homens e mulheres farão brilhar em todas as circunstâncias e pelo tempo que lhes foi dado viver. Acho que podemos pensar a mesma coisa a propósito de Hannah Arendt.

Lucas Barreto: Hannah Arendt realiza sua atividade de compreensão recorrentemente dialogando com diversos pensadores das mais diversas matrizes, inclusive se apropriando de certas intuições e as desenvolvendo de um jeito que lhe é bastante particular, como o conceito de *início* retirado de Agostinho de Hipona. Apesar disso, a própria autora diz na entrevista a Roger Errera (publicada nesta nova coletânea) que “Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento”, algo que remonta à atividade do pensar *sem corrimão*. Como podemos, nesse sentido, interpretar o título dessa sua coletânea nesta tensão com suas influências?

Eduardo Jardim: “Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento” é uma frase do poeta francês René Char. Hannah Arendt se refere a ela para tratar do tema da ruptura da tradição. Hannah Arendt caracterizava a Era Moderna como marcada pela ruína do tripé que sustentava a civilização ocidental – a tradição, a religião e a autoridade. Certamente esta é uma situação perturbadora. Ao mesmo tempo, a crise abre um horizonte de possibilidades. Do ponto de vista da política, a crise da autoridade possibilitou o surgimento do totalitarismo, mas também propôs desafios de se experimentar formas novas de convívio entre os homens. Quanto à crise da tradição: ficamos certamente desorientados na nossa compreensão da história e da história do pensamento especificamente. Ao mesmo tempo podemos nos movimentar mais livremente na consideração de eventos e de autores. Em *A condição humana* Hannah Arendt trata de forma nova tanto a obra de Santo Agostinho quanto os evangelhos.

Lucas Barreto: O senhor menciona que estes experimentos de pensamento nos revelam sobretudo a Arendt pensadora (da) política. No entanto, é esse percurso que também conduz Arendt ao seu texto aparentemente menos político, *A vida do espírito*. Nas “Considerações preliminares sobre *A vida do espírito*” presente em *Pensar sem corrimão*, a autora menciona que podemos nos orientar não tanto pela história das ideias, mas, sobretudo, pela história dos *eventos*, a qual se encontra cheia de lacunas. O que isso nos diz sobre o próprio modo de ativar o espírito para a tarefa de compreensão que Arendt perfaz?

Eduardo Jardim: No livro *Pensar sem corrimão*, a maioria dos textos trata de assuntos de política que ocuparam a atenção de Hannah Arendt na maior parte de suas obras. Por isso ela aparece mais como pensadora da política, como você prefere. Isso não significa que ela se desinteressasse da atividade do espírito. É curioso observar que foram o pensar, o querer e o julgar os assuntos de Hannah Arendt nos seus últimos anos. Pode ser que a proximidade da velhice tenha favorecido isso. Ou até mesmo o cansaço com a polêmica sobre seu *Eichmann em Jerusalém*. No encontro de Toronto de 1972 podem ser encontrados subsídios para aprofundar estas considerações (“Hannah Arendt sobre Hannah Arendt”).

Lucas Barreto: Compreendendo que a tarefa de traduzir um texto implica, muitas vezes, em realizar interpretações, houve algum tipo de cotejamento com traduções em outras línguas, seja para sanar dúvidas, seja para verificar escolhas que outros tradutores fizeram? Além disso, o que o senhor pode nos falar sobre as vantagens de ter um grupo de tradutores trabalhando junto?

Eduardo Jardim: Não sei se o livro já foi traduzido para outras línguas. Sei que há uma tradução portuguesa, mas não a consultamos. Para algumas escolhas consultei a tradução de outras obras de Hannah Arendt. Usei a tradução para o alemão de *A condição humana* feita pela própria Hannah Arendt para me decidir em um ponto importante. Para me referir às atividades que compõem a vida ativa, preferi trabalho, fabricação e ação. Os tradutores trabalharam de forma independente. Fiz em seguida uma leitura para homogeneizar as soluções propostas.

Judikael Castelo Branco: O livro compreende um arco relativamente longo, afinal, são mais de duas décadas de escritos num único volume. No entanto, um outro aspecto importantíssimo é que são textos de naturezas muito diferentes, passando por ensaios, entrevistas, reportagens, artigos e mesmo críticas literárias. Seria possível apontar algumas preocupações ou interesses da autora que de certa forma estabeleçam alguns fios ou mesmo laços entre eles?

Eduardo Jardim: Acho que os textos ressaltam o perfil de Hannah Arendt como pensadora da crise e de um novo início. A atenção a um novo início é particularmente notável nos textos sobre os temas da ação e da revolução. A leitura do texto sobre a revolução húngara pode ser acompanhada pela de “Ação e a busca da felicidade”, “Liberdade e política”, “Revolução e liberdade” e “Liberdade para ser livre”.

Judikael Castelo Branco: Nesses textos, a autora aproveita para desenvolver argumentos que não têm tanto espaço nos seus livros, enriquecendo imensamente uma constelação já admirável de conceitos e temáticas como é característica de Arendt. Evidentemente essa é uma das razões da publicação do livro. Se me for permitido destacar dois desses argumentos, gostaria que o senhor nos falasse sobre o papel da narrativa e – esse é um tema de triste atualidade – sobre a importância da laicidade para a autora.

Eduardo Jardim: Toda narrativa, a do historiador e a do escritor, traz consigo o poder da reconciliação com os acontecimentos. Isto vale também para dar conta do próprio percurso intelectual de Hannah Arendt. Ela relatou que *Origens do totalitarismo* resultou de um esforço de compreensão provocado pelo terrível estranhamento ao tomar conhecimento da existência dos campos em 1943. Mais de uma vez Hannah Arendt se referiu à escritora Karen Blixen e a sua afirmação de que todas as mágoas são suportáveis quando se pode contar uma história a seu respeito. Mais uma vez fica sublinhado o poder de reconciliação das narrativas.

Judikael Castelo Branco: Arendt recorre em mais de uma ocasião a Shakespeare, por exemplo, onde poderia encontrar referências na filosofia. Em *Pensar sem corrimão*, há escritos inteiramente dedicados àquilo que eu gostaria de chamar – com certas reservas – de crítica literária. Esses textos têm certamente um grande valor documental e biográfico. Mas no domínio teórico, o que o senhor sublinharia?

Eduardo Jardim: Hannah Arendt escreveu muito sobre literatura. Uma edição do conjunto dos textos sobre o assunto (*Reflections on Literature and Culture*) comporta trinta e quatro itens. A relação de Hannah Arendt com a literatura não é incidental. Como já disse, ela reteve a lição de Karen Blixen de que todas as mágoas são suportáveis quando se pode contar uma história sobre elas e deu a ela um significado abrangente. Em *Pensar sem corrimão*, a literatura é assunto de quatro textos. Nenhum deles tem propriamente o formato de resenhas. Três deles são pequenos ensaios, sobre Natalie Sarraute, Glenn Gray e Dostoievski. O texto sobre Auden é um dos pontos altos do livro. É uma homenagem comovente ao amigo morto recentemente.

Judikael Castelo Branco: A autora sempre evitou assumir lugares em trincheiras ideológicas, nunca quis, conscientemente, se fixar em correntes e isso reflete também o seu pensar sem corrimão. Porém, hoje esse gesto pode ser tomado de forma equivocada, às vezes por maldade do intérprete mais do que por ignorância ou desinformação. O que essa atitude de Arendt manifesta da sua personalidade e qual o seu valor para o desenvolvimento das suas experiências de pensamento?

Eduardo Jardim: Como você já bem disse, trincheiras ideológicas funcionam como o corrimão que impede o caminho do pensamento. Hannah Arendt realmente não pode ser identificada como uma pensadora conservadora, como pretenderam críticos esquerdistas e também não se alinhava à esquerda. Em *Pensar sem corrimão* há um conjunto de textos sobre ação e revolução que talvez sirva para caracterizar a posição política da pensadora. Sua simpatia sempre foi pelos homens de ação. Sua concepção de felicidade envolve publicidade. Mesmo sendo raros os momentos verdadeiramente revolucionários, Hannah Arendt sempre insistiu na necessidade de se resgatar o tesouro perdido das revoluções.

Judikael Castelo Branco: *Pensar sem corrimão* abrange praticamente o mesmo período do *Diário de Pensamento* (*Denkragebuch*), este último estendendo-se de 1950 a 1973 e ainda inédito

em português. É inevitável a pergunta sobre possíveis relações ou o que eu gostaria de chamar de "iluminação recíproca" entre esses volumes. Como o senhor avalia essa possível relação?

Eduardo Jardim: São livros muito diferentes. O *Diário de Pensamento* é importante para se dar conta da formação do pensamento da autora. Isso quer dizer que pode esclarecer alguma coisa inclusive dos textos incluídos em *Pensar sem corrimão*.

Pensar sem corrimão não tem o formato do *Diário*. É um conjunto de textos. O fato de estarem expostos na ordem cronológica pode servir para uma pesquisa da formação do pensamento de Hannah Arendt. Mas isso valeria para o conjunto dos seus escritos considerados na ordem em que foram escritos.

Judikael Castelo Branco: O senhor enfatiza justamente o valor dos textos para a biografia de Arendt e para o conhecimento de eventos políticos do período compreendido pelos escritos. Na sua visão, o livro pode nos ajudar também na compreensão do nosso momento histórico, no mundo e no Brasil, mais de 40 anos depois da morte da autora?

Eduardo Jardim: Sim, o principal estímulo para o leitor atual tem a ver com o próprio modo de pensar sem corrimão que dá título ao livro. Na obra de Hannah Arendt, não especificamente nesse livro, comparecem questões pontuais que são de interesse para se discutir os problemas atuais. Lembro especialmente dos textos que tratam da mentira na política – “A mentira na política”, de *Crises da república* e “Verdade e política”, de *Entre o passado e o futuro*. Mas insisto, a principal inspiração é a de pensar sem corrimão.

Eduardo Jardim de Moraes

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983). Foi professor do Departamento de Filosofia e do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, até 2012. Tem experiência na área de Filosofia com ênfase em História da Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: Filosofia contemporânea, Filosofia política, Estética e Pensamento Brasileiro. Entre os seus trabalhos, estão *Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início* (Civilização Brasileira, 2011), *A duas vozes: Hannah Arendt e Octavio Paz* (Civilização Brasileira, 2007).